

Dr. Robert A. Peterson, Cristologia, Sessão 5, Cristologia Patrística, Parte 4, Monofisismo e o Concílio de Calcedônia

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 5, Cristologia Patrística, Parte 4, Monofisismo e o Concílio de Calcedônia.

Vamos orar juntos, Pai gracioso, enquanto passamos do estudo da Cristologia da igreja antiga para o da teologia moderna.

Ajude-nos a testar todas as coisas pela sua santa palavra, nós oramos, por Jesus Cristo, nosso Senhor, Amém. Estamos concluindo a Cristologia Patrística, caminhando em direção ao Concílio de, o grande Concílio de Calcedônia e suas conclusões, mas mais uma heresia para lidar e essa é o Monofisismo ou Eutiquianismo . Acho que não lhe disse antes por que nós, professores e aposentados, gostamos dessas palavras grandes.

Gostamos deles porque nos mantêm empregados porque vocês precisam de nós. O monofisismo é identificado com Eutíquio, 380-456, um presbítero e líder de um monastério em Constantinopla, que foi condenado em Calcedônia em 451. Eutíquio ensinou que, como resultado da Encarnação, a natureza humana de Cristo foi assumida, absorvida e fundida na natureza divina, de modo que ambas as naturezas foram transformadas em uma nova natureza, uma natureza que agora era uma espécie de composto divino-humano.

Essa visão também é chamada de Monofisismo , de que o Cristo Encarnado tinha uma, Manos, natureza, Fusis , não duas. Então isso o torna um híbrido, nem Deus nem homem. A visão de Eutíquio é basicamente uma versão da Cristologia da palavra carne.

Como Sanders aponta, para Eutychius, o significado das duas naturezas, citação, não produz uma terceira substância igualmente identificável como divina e humana. Como a divindade é infinitamente maior que a humanidade, o resultado da mistura eutiquiana de naturezas não é um composto uniforme, mas um Cristo majoritariamente divino. Embora essa visão seja diferente do apolinarismo, o resultado é semelhante, pois nessa nova natureza, temos uma divindade avassaladora e uma humanidade submersa.

Provavelmente de forma mais consistente, os monofisistas posteriores insistiram que a união de duas naturezas resultava em um tertium quid, uma terceira coisa, literalmente, uma terceira coisa, que não era nem divina nem humana. Mas o

resultado de toda forma de monofisismo é que Cristo não é nem verdadeiramente Deus nem verdadeiramente homem, uma visão contrária às escrituras e nos deixando com um Cristo que não pode redimir — o Concílio de Calcedônia 451, a Ortodoxia Cristológica.

Em outubro de 451, 520 bispos se reuniram em Calcedônia para lutar com as disputas cristológicas em andamento dentro da Igreja. A maioria dos bispos da Igreja era do Oriente, com apenas quatro do Ocidente, dois do Norte da África e dois que eram legados do Papa Leão de Roma. Sim, a influência ocidental foi grande devido ao Tome de Leão, uma carta que foi escrita antes do Concílio e que seria incorporada ao Credo Calcedônico.

Assim como o Credo Niceno anterior, a definição calcedônica, é assim que o Credo é chamado, permaneceu um centro de controvérsia por muitas décadas. Mas nunca foi posta de lado, e como Brown observa, tornou-se, entre aspas, o segundo grande ponto alto da teologia cristã primitiva. Estabeleceu um padrão imperecível para a Ortodoxia, entre aspas, pois confessou a divindade e a humanidade de Cristo na formulação clássica de duas naturezas, uma pessoa.

Como tal, rejeitou todas as falsas visões cristológicas anteriores e apresentou uma compreensão positiva da identidade de Cristo em uma série de declarações. Distinguiu claramente a natureza da pessoa. The Brown Em relação à pessoa, afirmou que o sujeito ativo da Encarnação, “o único e o mesmo Cristo”, não é outro senão o Filho Eterno, que é consubstancial ao Pai e ao Espírito, mas que agora assumiu uma natureza humana completa para que agora subsista em duas naturezas, naturezas que não são confundidas ou alteradas, mas retêm todos os seus atributos.

O Credo de Calcedônia, a definição calcedônica afirma, e eu cito, em concordância, portanto, com os Santos Padres, todos nós ensinamos unanimemente que devemos confessar que nosso Senhor Jesus Cristo é um e o mesmo Filho, o mesmo perfeito em Divindade e o mesmo perfeito em humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, o mesmo de uma alma e corpo racionais, consubstancial com o Pai em Divindade e o mesmo consubstancial conosco em humanidade. Como nós em todas as coisas, exceto no pecado, gerado do Pai antes dos séculos quanto à sua Divindade, e nos últimos dias o mesmo por nossa causa e por nossa salvação, gerado da Virgem Maria, a Theotokos , a portadora de Deus, quanto à sua humanidade, um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, feito conhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. Os dois primeiros sem são contra o Eutiquianismo ou Monofisismo , sem confusão, sem mudança.

Os dois segundos são contra o nestorianismo, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não sendo de modo algum removida por causa da união,

mas a propriedade de cada natureza sendo preservada e coalescendo em um prosopon e uma hipóstase, uma pessoa, não separada ou dividida em duas prosopopessoas, mas um e o mesmo Filho, unigênito, Verbo divino, o Senhor Jesus Cristo. Como os profetas antigos e o próprio Jesus Cristo nos ensinaram sobre ele, e o credo de nossos pais transmitiu." Fechar citação.

O significado de Calcedônia e seus principais pontos cristológicos. Por que Calcedônia é importante? Por essa razão, ela buscou resumir e abordar todos os problemas que atormentaram a igreja em relação à identidade de Cristo. Ela buscou conter a especulação, esclarecer o uso da linguagem entre o Oriente e o Ocidente e, como tal, atua como uma declaração defensiva definitiva, perdão, e um roteiro para toda reflexão cristológica posterior.

Gostaria que tivesse sido assim. Veremos no período moderno, é comumente rejeitado, e o que é colocado em seu lugar não é bom. Há cristologias de baixo, e Jesus é um mero homem, não importa quão grande.

Calcedônia argumentou contra docetismo, adocionismo, modalismo, arianismo, apolinarismo, nestorianismo, monofisismo, um de cada vez. Ele argumentou contra docetismo. O Senhor Jesus era perfeito em humanidade, masculinidade, masculinidade, verdadeiramente homem, consubstancial, homoousiano, conosco de acordo com sua humanidade, e nasceu de Maria.

Calcedônia argumentou contra o adocionismo. Ele argumentou pela subsistência pessoal do Logos, citação, gerado pelo Pai antes dos séculos, não um ser humano que Deus veio e super habitou e capacitou, não, que Deus adotou, não. O Filho sempre foi o Filho do Pai, o Pai sempre foi o Pai do Filho.

Modalismo, distinguia o Filho do Pai, tanto pelos títulos Pai e Filho, quanto por sua referência ao Pai ter gerado o Filho antes das eras. Arianismo, afirmava que o Senhor Jesus era perfeito em divindade, verdadeiramente Deus. Apolinarismo, confessava que o Senhor Jesus era, citando, verdadeiramente homem de uma alma e corpo razoáveis, consubstancial conosco de acordo com sua humanidade em todas as coisas semelhantes a nós.

Lembre-se, Apolinário disse que Jesus tomou um corpo humano, mas não uma alma humana. O Logos ocupou esse lugar em Jesus. Assim, o apolinarismo nega a humanidade completa de Cristo e, portanto, ameaça nossa salvação porque o Redentor teve que ser Deus para poder nos salvar e ele teve que se tornar um ser humano para poder nos salvar, seus semelhantes, se você fosse, se você quisesse.

Ele nunca foi apenas um ser humano, meramente um, mas ele se tornou um humano genuíno, tomou para si uma natureza humana genuína. Nestorianismo, afirmou Maria como Theotokos, portadora de Deus, não para exaltar Maria, mas para

afirmar a verdadeira divindade de Jesus e o fato de uma encarnação real. O bebê que ela carregava em seu ventre era Deus.

Ele era o embrião de Deus, o feto de Deus, o bebê de Deus. Incrível. Dessa forma, ela é a Theotokos pela própria providência de Deus.

Ela era o veículo, a mãe do nosso Senhor como quando Maria foi visitar sua prima. Me ajude aqui. Como quando Maria foi visitar Isabel, isso mesmo, Isabel disse, a mãe do meu Senhor, reconhecendo mesmo que ela não entendesse que Maria, pela graça de Deus, era a portadora de Deus.

Não exalta Maria ou faz dela objeto de oração ou intercessão ou adoração ou veneração ou qualquer coisa assim, mas enfatiza que o bebê em seu ventre era divino. A definição calcedônica também falava de um e o mesmo filho e uma pessoa e uma substância, não separados ou divididos em duas pessoas e cujas naturezas estão em união sem divisão, sem separação. A ênfase na mesmice é realmente cansativa, opondo-se a Nestório.

O monofisismo confessou que em Cristo, havia duas naturezas sem confusão e sem mudança. A propriedade de cada natureza é preservada e concorrente na única pessoa. Calcedônia foi uma realização magnífica.

Cinco pontos capturaram o coração da definição. Primeiro, esta é uma mensagem, uma palestra sobre os cinco pontos, não do Calvinismo, mas da ortodoxia calcedônica. Há um pequeno trocadilho aí para meus amigos reformados.

Primeiro, Cristo era verdadeira e perfeitamente Deus e homem. Tanto a divindade de Cristo quanto sua humanidade são igualmente preservadas e enfatizadas para que ele sirva como nosso grande sumo sacerdote e mediador e ganhe a salvação para nós. Segundo, pessoa e hipóstase são vistas como a mesma coisa.

Ao fazer isso, Calcedônia fornece uma distinção clara entre pessoa e natureza. Uma pessoa é vista como um princípio em seu próprio direito, não dedutível da natureza ou como um terceiro elemento da união das duas naturezas. Uma nova pessoa não vem à existência quando a natureza humana é assumida, nem resulta em duas pessoas.

Em vez disso, Calcedônia afirma que a pessoa da encarnação é o filho eterno, a segunda pessoa da Divindade. Assim, ensinarei mais tarde sob sistemática que a continuidade da personalidade em Cristo é fornecida não por sua humanidade, mas pelo fato de que ele é o filho eterno. Ele é o filho pré-encarnado e então ele se torna o filho encarnado.

A humanidade não é contínua. Ela não existia antes da encarnação. Não apenas a divindade é contínua, mas o filho divino é contínuo.

Não há divindade dele além dele. Então, é a pessoa do filho que toma uma natureza humana genuína para si. Além disso, é uma pessoa, não uma natureza, que se tornou carne.

isso que a encarnação é um ato pessoal do filho que tomou a forma de um servo, Hebreus 2:7, de forma deliberada, voluntária e sacrificial. É a pessoa do filho que é o único agente atuante e sujeito sofredor. Isso implica uma mudança no filho? Não no sentido de que a pessoa do filho mudou sua identidade ou deixou de ser o que sempre foi.

Mesmo como filho encarnado, ele continuou a possuir todos os atributos divinos e a desempenhar todas as suas funções e prerrogativas divinas. No entanto, novamente, como McLeod corretamente observa, e eu cito, há uma mudança real. Mudança no sentido de que em Cristo, Deus entra em uma gama totalmente nova de experiências e relacionamentos.

Ele experimenta a vida em um corpo humano e em uma alma humana. Ele experimenta a dor humana e as tentações humanas. Ele sofre pobreza, solidão e humilhação.

Ele prova a morte. Antes e além da encarnação, Deus sabia dessas coisas por observação. Mas a observação, mesmo quando é a da onisciência, fica aquém da experiência pessoal.

Foi isso que a encarnação tornou possível para Deus, uma experiência pessoal real de ser humano. Donald McLeod é um homem cristão devoto. Ele está falando reverentemente com essas palavras.

Terceiro, a natureza humana de Cristo não tinha uma hipóstase barra pessoa própria. Era impessoal no sentido de que não havia um homem em quem Deus veio e habitou. A natureza humana de Cristo não tinha uma hipóstase ou pessoa própria, o que implica que Jesus não teria existido se o filho não tivesse entrado no ventre de Maria.

Jesus não teria existido se o filho não tivesse entrado no ventre de Maria. Não havia homem algum além dessa ação divina. Mas como resultado dessa ação, o filho, que possuía uma natureza divina desde toda a eternidade, agora acrescenta a si mesmo uma natureza humana com um conjunto completo de atributos humanos, o que lhe permite viver uma vida plenamente humana.

No entanto, ele não é completamente limitado ou circunscrito por sua natureza humana. É por isso que, como Fairbairn nos lembra, os pais da igreja falaram de Deus Filho fazendo algumas coisas qua Deus como Deus e outras coisas qua homem como homem. A mesma pessoa fez coisas que eram apropriadas para a humanidade e outras coisas que eram apropriadas ou mesmo possíveis apenas para Deus.

Mas a pessoa que fez essas coisas foi o mesmo Deus, o filho. Assim, Jesus é muito mais do que um homem que é meramente habitado por Deus, o Filho. Ele é Deus, o Filho, vivendo na terra como um homem, realizando nossa redenção como o Senhor.

Uma das implicações de Calcedônia, que certamente é fiel às escrituras, é que sempre que olhamos para a vida de Cristo e perguntamos, quem fez isso? Quem disse isso? Quem sofreu a morte por nós? A resposta é sempre a mesma. Deus, o Filho. Por quê? Porque não é a natureza divina ou humana que age e, portanto, faz as coisas.

Em vez disso, é a pessoa do filho agindo em e através de suas naturezas divina e humana. É o filho que nasceu, foi batizado, tentado, transfigurou, traiu, prendeu, condenou e morreu. Foi o filho que derramou seu sangue por nós para garantir nossa salvação.

É no Filho que todas as justas demandas de Deus são atendidas para que nossa salvação seja, em última análise, de Deus. É o filho que também ressuscitou dos mortos e que agora reina como rei dos reis e senhor dos senhores. Mais uma vez, McLeod, eu lhe disse que o livro de Donald McLeod, *The Person of Christ*, era meu livro-texto padrão obrigatório desde que foi publicado.

Citando-o novamente, “nele, o filho, Deus provê e até se torna a expiação que ele exige. Nele, em sua carne, dentro da finitude de sua vida, da finitude de seu corpo e da finitude de seu ser humano, Deus lidou com nosso pecado. Ele é um homem, mas o homem de significância universal, não porque sua humanidade seja infinita em qualquer sentido, mas porque é a humanidade de Deus. Nele, Deus vive uma existência verdadeiramente humana.” McLeod, *Person of Christ*, página 190.

Quarto, não há união das naturezas que obscureça a integridade de qualquer uma das naturezas. Dentro de Deus, o Filho encarnado, a distinção criador-criatura é preservada. Não há mistura de naturezas ou transferência de atributos, comunicação idiomatum, produzindo algum tipo de tertium quid, algum tipo de third something else. No entanto, isso não implica que as duas naturezas sejam meramente justapostas, deitadas lado a lado sem contato ou interação.

Em vez disso, há uma transferência de atributos, pois os atributos de ambas as naturezas coexistem em uma pessoa. É por isso que as escrituras podem dizer que o filho de Deus encarnado pode simultaneamente sustentar o universo, Colossenses

1:17, perdoar pecados, Marcos 2:10, ficar com fome e sede, crescer em sabedoria e conhecimento, Lucas 2:52, e até morrer. Mais uma vez, é por isso que as escrituras podem dizer que Deus, o filho encarnado, pode ao mesmo tempo sustentar o universo, Colossenses 1:17, perdoar pecados, Marcos 2:10, perdoar pecados de uma forma que não podemos perdoar pecados.

Não é como, Jack, me desculpe, irmão, você poderia me perdoar? Não, é como, cara, seus pecados estão perdoados. E para que o mundo saiba que o filho do homem tem autoridade na terra para perdoar pecados, um milagre invisível. Eu farei um visível, diz Jesus.

Pegue sua cama e ande. É assim que ele perdoa pecados. Ele perdoa pecados como Deus perdoa pecadores.

Ao mesmo tempo, essa pessoa divino-humana que sustenta o universo e perdoa pecados fica com fome e sede. Ele está sentado no poço em João 4 porque está cansado de sua jornada. Ele cresce em sabedoria, estatura e favor com Deus e o homem, Lucas 2:52, e até ele poderia até morrer, e morreu.

É por isso que o filho é o sujeito da encarnação em todos os seus atos e experiências, envolvendo ambas as naturezas, cada uma em sua própria maneira distinta. Como Karl Barth expressaria mais tarde este ponto no Filho encarnado “O próprio Deus fala quando este homem fala em linguagem humana. O próprio Deus age e sofre quando este homem age e sofre como um homem. O próprio Deus triunfa quando este triunfa como um homem.” *Dogmática da Igreja* 4.2.

Quinto, o filho tomou para si uma natureza humana completa, que era composta de uma alma racional e corpo. Calcedônia insiste que a humanidade de Jesus, para ser humanidade completa, tinha que ser mais do que um corpo.

Tinha que consistir em uma psicologia humana completa semelhante à nossa. Calcedônia então distingue claramente uma pessoa da alma, e localiza a alma como parte da natureza humana. Ao fazer isso, insiste na palavra homem Cristologia, não meramente na palavra carne Cristologia.

A palavra não tomou para si apenas carne humana, mas uma natureza humana completa consistindo de corpo e alma. Ela rejeita a ideia de que o filho substituiu a alma humana. O filho ou o logos a substituiu e implicitamente afirma que Cristo tinha uma vontade e mente humanas, não disse explicitamente, o que aparece mais tarde na Cristologia patrística.

Como você pode imaginar, quando alguém não o fez, quando as pessoas negaram, a teologia da controvérsia se espalhou por todo o lugar. Ela afirma implicitamente que Cristo tinha uma vontade e mente humanas, embora esta última afirmação não seja

formulada ou formalizada até o sexto concílio ecumênico em 681. Em poucas palavras, esses cinco pontos capturam o coração da definição calcedônica.

Embora o credo não seja idêntico à escritura em autoridade, no entanto, é uma declaração que estabelece os pontos básicos que devemos confessar, articular e defender em relação à identidade de Cristo. Como uma declaração confessional, ele estabelece os parâmetros dentro dos quais a igreja deve teologizar para capturar com precisão o Jesus da Bíblia. Como afirma o preâmbulo de Calcedônia, ele foi escrito tendo como pano de fundo a escritura e toda a tradição patrística.

E como Grillmeier observa, “poucos concílios foram tão enraizados na tradição quanto o concílio de Calcedônia, citação próxima. Dessa forma, como Brown reconhece, Harold OJ Brown, a citação da definição calcedônica, tornou-se nosso padrão para medir a ortodoxia, onde sua afirmação da divindade de Cristo ou de sua humanidade é rejeitada. Isso significa que a ortodoxia histórica foi abandonada. O credo de Calcedônia não é um programa teológico, mas sim um conjunto de limites além de seus confins. A teologia quase invariavelmente degenerará em ceticismo, descrença ou heresia.” *Credos, Concílios e Cristo* é o nome do livro de Brown.

Dito isso, no entanto, tem havido um ataque sustentado à definição, especialmente desde a era do Iluminismo. A maioria desses ataques se deve à rejeição do cristianismo histórico e sua substituição por outras visões de mundo. No entanto, alguns de dentro da igreja também a criticaram, tanto católicos quanto protestantes.

Vamos nos voltar brevemente para algumas dessas críticas ao concluirmos a Cristologia patrística. Primeiro, alguns criticaram Calcedônia por sua dependência do pensamento filosófico grego no uso de terminologias como *ousia*, *apostasis*, et cetera, *essência*, *ser*, *natureza* e assim por diante, *pessoa*. Conforme a crítica, devido a essa influência, o ensino bíblico foi inadvertidamente distorcido, e a Cristologia é reduzida à especulação metafísica.

Por uma série de razões, essa crítica é imprecisa. Por um lado, a questão não é o uso de linguagem filosófica extrabíblica, já que toda teologização inevitavelmente o faz. Em vez disso, a questão é se essa linguagem, não importa de que século seja retirada, leva a uma distorção da linguagem e do ensino bíblicos.

Por outro lado, embora palavras do século V tenham sido empregadas, Calcedônia as usa de maneiras nada gregas. Por exemplo, como apresentado, em nenhum lugar do pensamento grego a distinção natureza-pessoa é feita. Mas a igreja distinguiu entre *ousia*, *natureza*, e *apostasis*, *pessoa*, porque as escrituras assim o exigiam.

Além disso, como MacLeod observa perceptivamente, a teologia de Calcedônia é radicalmente não grega. Citando *Person of Christ*, de Donald MacLeod, a teologia grega era simpática à ideia de teofanias, deuses em forma humana, e à ideia de

adoções divinas, nas quais um deus pode assumir o controle de uma personalidade humana. Mas Calcedônia é a linguagem da encarnação.

Fala da encarnação de uma pessoa divina. Aqui, o próprio Deus entra em uma existência terrena e histórica para que possamos dizer que este homem é o filho de Deus e que neste indivíduo em particular, Deus vive uma vida verdadeiramente humana. Isso vai muito além da teofania e da adoção.

Isso, até onde posso ver, disse MacLeod, é um conceito profundamente não grego, citação próxima. Mas essa crítica vai além, argumenta Wellum, relacionada à objeção acima à questão de se é necessário continuar a empregar as mesmas palavras que Calcedônia usou ou se podemos traduzir a terminologia do século V para a linguagem contemporânea. Essa é a questão.

É possível, por exemplo, traduzir *apostasis* e *ousia* e a metafísica que os sustenta para um vocabulário mais atual? Em teoria, a maioria concordaria com MacLeod que é possível, como ele nos lembra, não é mais difícil elevar a linguagem de *ousia*, *fusus* e *apostasis* para o nosso próprio tempo do que foi elevar a linguagem de São Paulo, *morphe*, *homoionoma* e *acone*, por exemplo. No entanto, a questão da tradução não é fácil, especialmente quando as pessoas simplesmente não estão traduzindo a terminologia antiga para a nova, mas na verdade mudando o significado dos termos. Em segundo lugar, Calcedônia também foi acusada de ser dualista.

Parece colocar as duas naturezas lado a lado dentro de uma pessoa, com cada natureza retornando seus próprios atributos, retendo seus próprios atributos, levando assim à prática de atribuir alguns aspectos da existência de Jesus à sua natureza humana e outros à sua natureza divina, sem qualquer relação específica entre eles. Então, por exemplo, no caso da impassibilidade e imutabilidade, Leão afirma, e muitos outros que o seguem, que Jesus, entre aspas, era capaz de morrer em uma natureza e incapaz dela na outra, entre aspas. Calcedônia ensina que o Jesus histórico tem um tipo de existência dupla como Deus e como homem.

Como damos sentido coerente a isso? Na verdade, responder a essa objeção nos leva ao cerne da teologização sobre a Encarnação. Como alguém responde a essa crítica distingue várias formulações cristológicas. É o suficiente dizer neste ponto que a razão pela qual Calcedônia foi necessária foi evitar várias tentativas heréticas de responder a essa questão de forma não bíblica.

De fato, Calcedônia serve como um aviso e proteção contra a tentativa de superar o dualismo. Calcedônia, junto com a Escritura, mantém em tensão a unidade da única pessoa divina, o Filho, que, como resultado da Encarnação, agora subsiste. Ele vive, ele existe em duas naturezas.

A Escritura e Calcedônia se recusam a misturar as naturezas duais de Cristo ou a entregar a unidade da pessoa agindo em e por meio dessas naturezas. Além disso, como McLeod insiste, Calcedônia insiste positivamente, entre aspas, na unidade existencial da pessoa Jesus. Ela enfatiza que, embora existam duas naturezas, há apenas uma hipóstase ou prosopon, uma pessoa.

Isso significa que, sem pretender resolver o problema, a unidade é enfatizada sem pretender explicá-lo. Em outras palavras, respeita o mistério. Eu retorno ao lugar onde comecei.

Dois mistérios gigantescos são revelados na Bíblia: a trindade de Deus em unidade e as duas naturezas na pessoa de Cristo. No final, Calcedônia deixa claro que devemos afirmar, como as Escrituras fazem, que todas as ações de Cristo são as ações da pessoa. Ele é o agente de todas as ações, orador de todas as palavras e sujeito de todas as experiências.

Como resultado, Calcedônia não parcela as ações, palavras e experiências de nosso Senhor entre as duas naturezas. Na verdade, ela busca fazer justiça à apresentação bíblica de Cristo sem resolver o dualismo perfeitamente. Como tal, ela serve como um aviso a todos aqueles que tentam fazê-lo.

Explicar o mistério é transgredir. Se há mistérios verdadeiramente revelados divinamente, fazemos afirmações, excluímos erros e então respeitamos nossa própria ignorância e os paradoxos da Bíblia, seus mistérios, suas antinomias. Nunca encontrei uma boa palavra para expressar isso.

Terceiro, similar à acusação de dualismo, Calcedônia é frequentemente criticada por ser docética apesar de afirmar a humanidade plena de Cristo. De onde surge essa acusação? Do fato de que o Credo declara sua natureza humana não assumida sem uma pessoa humana, isto é, uma hipóstase, isto é, uma humanidade impessoal. E como a objeção vai, quão significativa é a atribuição a Cristo de uma natureza plena e completa, incluindo uma mente e vontade humanas, se essa natureza não pode funcionar como a nossa, isto é, não normalmente como a nossa faz com uma pessoa humana? Como afirmamos o caráter autoativador do homem Jesus sem dar origem a dois sujeitos ou duas pessoas e, assim, cair na heresia nestoriana? E a negação de Calcedônia de Cristo ter uma pessoa humana não é uma admissão implícita de docetismo? No cerne dessa acusação está dar sentido às limitações humanas de Jesus, especificamente suas limitações de conhecimento e poder.

Veja Marcos 13:32, Lucas 2:52, se o sujeito atuante da Encarnação é o Filho Divino. Abordarei isso mais tarde durante a sistemática, mas por enquanto é crucial lembrar que a afirmação de Calcedônia de uma hipóstase não estava dizendo que algo estava faltando na humanidade de Cristo, em vez disso, era uma negação de dois sujeitos

atuantes de Cristo e, portanto, uma rejeição do nestorianismo. Não havia um homem separado. Esse é o ponto.

Nesse sentido, sua natureza humana era impessoal. Não gosto da maneira como a igreja disse isso porque ela nunca foi impessoal, era inexistente, e então, desde o próprio nanossegundo de sua existência no ventre de Maria, era in-pessoal em virtude da união com a Palavra. E ainda assim eu entendo o ponto deles, mas o ponto deles leva a essa crítica que não é justa no final.

Afirmar a existência de uma pessoa humana ao lado da pessoa do Filho significaria que Jesus não era, de fato, o Filho Encarnado, mas simplesmente um homem que era especialmente amigável com o Filho. Além disso, dado que Calcedônia usou pessoa em um sentido ontológico, não psicológico, não está negando a completude da psicologia humana de Cristo, uma vez que isso é parte de sua natureza humana. Em vez disso, Calcedônia está afirmando que o único sujeito ativo das experiências humanas de Cristo era um Filho divino e, portanto, uma encarnação real havia ocorrido.

Então, eu gosto de uma hipóstase ? Não, que a humanidade do Filho era impessoal. Eu não gosto disso, mas entendo o que diz. Não havia um homem separado, Jesus, em quem Deus veio e habitou.

Não, por outro lado, sua humanidade nunca foi uma pessoa separada, e nunca foi impessoal no sentido de que, desde o início, sua personalidade era a personalidade do Filho divino que tomou para si a verdadeira humanidade. Assim, a natureza humana de Jesus era, em hífen, pessoal. Onde isso nos deixa agora? EL Maskell afirma bem: "Calcedônia é a verdade e nada além da verdade, mas não é toda a verdade."

Em outras palavras, Calcedônia define os parâmetros e coloca em prática as grades de proteção pelas quais a discussão cristológica agora acontece. Quem dera tivesse permanecido dentro das grades de proteção, as grades de proteção. Espere até ver.

Oh, meu Deus. Em última análise, é somente a escritura que pode servir como nossa autoridade final, mas negligenciamos a definição calcedônica por nossa conta e risco. O que é necessário é uma reflexão mais aprofundada sobre a escritura à luz de Calcedônia, e, de fato, foi precisamente isso que ocorreu nos anos subsequentes da história da igreja.

Calcedônia não encerrou toda a discussão cristológica. Em vez disso, continuou a guiar e direcionar mais pensamentos à luz de mais perguntas e desafios. Isso conclui minha pesquisa sobre a cristologia patrística.

Vou fazer uma pequena introdução à Cristologia moderna. Alguns antecedentes e saio um pouco da ordem cronológica e talvez você veja o porquê. O movimento das vidas de Jesus.

O resultado mais tangível de uma nova atitude em relação à Bíblia, ou seja, uma atitude crítica, no século XIX, vamos além disso para o século XVIII, com certeza, foi a onda de vidas de Jesus que foram produzidas. O século XIX como um todo foi dominado por uma renovação dramática do interesse em coisas históricas, bem como avanços na metodologia histórica, e o século XVIII mostrou pouco interesse nesses assuntos.

Descartes argumentou que a história não tinha nem a certeza da filosofia nem a precisão da ciência. Voltaire, por reputação como o maior historiador de seu tempo, passou a maior parte de sua vida na filosofia e somente no final se voltou para questões de história. Kant não era meramente desinteressado em história, como também a depreciava.

O século XIX viu uma reversão dramática dessas atitudes. Em Hegel e Marx, a história se tornou o meio de fazer filosofia. Para Hegel, ela exibiu como os princípios racionais pelos quais a realidade é estruturada foram desdobrados para nosso estudo.

Para Marx, a história exibia aqueles princípios pelos quais todas as sociedades foram determinadas e à luz dos quais o futuro pode ser previsto. Embora Marx se gabasse de ter virado Hegel de cabeça para baixo, sua alta estima da significância da história para a compreensão humana era muito semelhante à de Hegel. Essa renovação, por sua vez, estimulou a busca por métodos de estudo mais aceitáveis que ganhariam respeitabilidade para o assunto.

Em acadêmicos como von Ranke, isso resultou em uma análise vigorosa do material de origem, uma confiança de que técnicas científicas e objetividade poderiam ser transferidas para a análise histórica e, muitas vezes, uma confiança extraordinária nas capacidades da natureza humana. O problema, é claro, é que os assuntos humanos não são suscetíveis à análise científica da mesma forma que as leis da gravidade. As chamadas técnicas objetivas que os historiadores positivistas usaram produziram uma diversidade de interpretações, o que se tornou um constrangimento tanto quanto seria se os cientistas de hoje continuassem chegando a conclusões totalmente diferentes sobre como a gravidade funciona.

Enquanto isso, no entanto, o novo entusiasmo pela história, juntamente com as novas técnicas para seu estudo, cruzou para a teologia, onde foram fundidos aos estudos críticos sendo feitos sobre as escrituras. Foi essa polinização cruzada de disciplinas que produziu a literatura sobre a vida de Jesus. Também é importante, no entanto, notar o clima em que essa literatura floresceu.

Em nenhum lugar isso foi melhor expresso do que em *What is Christianity?*, de Adolph Harnack, publicado na virada do século XX. O livro de Harnack foi nutrido dentro de um sentido quase trágico de que, para as massas de pessoas modernas, Jesus havia se tornado uma irrelevância. Ele era tão irrelevante para elas quanto a época em que vivia.

O que Harnack tentou fazer, portanto, foi capturar o significado do cristianismo como uma ideia. Uma ideia que tinha sido realizada em e por meio de Jesus, mas não era definida por ou limitada a Jesus. Aqui estava o cerne da análise de Harnack e este era o programa do liberalismo protestante.

O cristianismo foi histórico no sentido de que veio a se concentrar em Jesus, mas não foi histórico no sentido de que Jesus definiu seu significado. Essa formulação foi realizada com motivos apologéticos, a esperança era que o cristianismo resultante concordasse mais facilmente com as normas assumidas de seus desprezadores cultos, para citar Schleiermacher. O que é interessante, no entanto, é que Harnack afirmou que chegou às suas conclusões citando os métodos da ciência histórica e não como um apologista ou filósofo religioso, o que de fato ele era sem saber.

É a cegueira inerente do modernismo. Tanto na Europa continental quanto na Grã-Bretanha, escrever vidas de Jesus virou moda. Entre os vitorianos, diz Daniel Powles, esse era um assunto para o qual todo tipo de escritor, devocional, radical, clerical ou excêntrico, mais cedo ou mais tarde, era atraído.

Na Europa, produziu novos trabalhos bem conhecidos de David Strauss, Christian Weisse, Bruno Bauer, Ernest Renan e Maurice Gauguier, entre outros. Na Grã-Bretanha, os estudos de JR Seeley, Richard Hansen, FW Farrar e Alfred Edersheim, um conservador, estavam entre os mais amplamente divulgados. Albert Schweitzer foi quem assumiu a responsabilidade de acabar com esse movimento.

Schweitzer parece ser um descrente relutante, mas ele era um gênio com doutorado em música, medicina e teologia que foi para a África em missões médicas e acabou adorando a criação. Acabei um panteísta. Depois de uma revisão completa e às vezes tediosa de obras escritas principalmente na Alemanha, ele concluiu que os autores tinham "brincado rápido e solto com a história verdadeira" lendo nos relatos do evangelho uma imagem imaginária e idealizada de Jesus.

De fato, o Jesus que emergiu da maioria desses estudos era tão parecido com os autores liberais que os escreveram que Schweitzer observou que eles devem ter olhado para o longo poço da história humana e visto seus próprios rostos refletidos no fundo. Ele era um gênio. Ele também concluiu que Jesus era o falso profeta.

Ser um gênio não salva ninguém. Compare com a primeira carta aos Coríntios, não são muitos os gênios que são salvos. Talvez magnifique a graça de Deus salvar mais meros mortais do que gênios, não sei.

Ali Jesus era “uma figura projetada pelo racionalismo dotada de vida pelo liberalismo e vestida pela teologia moderna em um traje histórico”. Nossa, ele é bom? Era uma figura que agora “caiu aos pedaços, fecha aspas, golpeada pelos problemas históricos concretos” que resultaram nesta citação ser metade histórica, metade moderna. Jesus Schweitzer concluiu que ele nunca seria capaz de atender às expectativas teológicas que inspiraram sua construção.

O erro fundamental que Schweitzer acusou foi supor que Jesus poderia significar mais se estivesse vestido como uma pessoa moderna do que se fosse deixado como realmente era. O real significado do movimento não estava em suas descobertas históricas. Estas eram, na melhor das hipóteses, mínimas.

Este empreendimento foi, de fato, uma tentativa elaborada de romper os laços da doutrina tradicional, uma tentativa empreendida em premissas iluministas. A história, pensava-se, era a chave para a realidade. Esta foi uma suposição extraordinariamente ingênua que naufragou na rocha dura da realidade e teve seu fim declarado sem cerimônia por Schweitzer.

O fracasso abismal do movimento , no entanto, feriu a comunidade teológica. É uma ferida que, até hoje, se recusou a curar. Em nossa próxima palestra, começarei falando sobre o protestantismo liberal.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 5, Cristologia Patrística, Parte 4, Monofisismo e o Concílio de Calcedônia.